

# ***Mídia, Educação e Cidadania na Aldeia***

## ***Global: para que mundo estamos educando?***

**Airton Lorenzoni Almeida**

Mestrado em Educação nas Ciências

airton\_almeida@uol.com.br

UNIJUÍ, RS

---

### **Resumo**

Este artigo aborda o tema dos efeitos e das possibilidades que a exposição aos meios de comunicação desencadeia na formação das crianças e dos jovens. Numa época em que é comum existirem discursos que ignoram, exacerbam ou detratam o lugar da mídia e de suas tecnologias, é importante que todo educador reflita sobre sua atuação e aposte na utilização dos meios e de seus conteúdos, de tal forma que eles sejam postos a serviço da formação de indivíduos originais, críticos, solidários, cooperativos e respeitosos para com as diferenças individuais e culturais.

**Palavras-chave:** Educação, Multimeios, McLuhan.

### **Resumen**

Ese artículo aborda el tema de los efectos y las posibilidades que la exposición a los medios de comunicación desencadena en la formación de los niños y los jóvenes. En una época en que es usual que los discursos ignoren, exacerbem o detracten el lugar de la mídia y de sus tecnologías, se hace necesario que todo educador haga una reflexión sobre su actuación y apueste en la utilización de los medios y de sus contenidos, de tal suerte que ellos sean puestos a servicio de la formación de individuos originales, críticos, solidarios, cooperativos y respetuosos para con las diferencias individuales y culturales.

**Palabras clave:** Educación, Multimedia, McLuhan.

*"No futuro, educar será sinônimo de aprender a querer progredir, a melhorar; nesse dia educar não será sinônimo de formar e manter homens a meio caminho de suas possibilidades de desabrochamento, mas, ao contrário, abrir-se à essência e à plenitude da sua existência" (Herbert Marshall McLuhan, In Mutations 1990).*

Segundo pesquisa da *Eurodata TV Worldwide*, realizada em nove países<sup>1</sup> entre setembro de 2004 e maio de 2005, a televisão tem se configurado como a principal fonte de entretenimento/informação para as crianças, na faixa etária dos dois aos onze anos de idade. As brasileiras, segundo esse estudo, são as que ficam mais tempo expostas a essa mídia: permanecem 3 horas e 31 minutos por dia diante de um aparelho televisor, consumindo sua programação. Em seguida, estão as crianças americanas, com 3 horas e 16 minutos de consumo diário de programação televisiva. Dados à parte, o que releva reconhecer é o fato de que não se pode ignorar o lugar ocupado pela mídia TV e pelo conjunto de elementos que ela veicula desde o seu

---

<sup>1</sup> Os países pesquisados pela Eurodata TV Worldwide são, além do Brasil e da Alemanha, os Estados Unidos, a Indonésia, a Itália, a África do Sul, a Espanha, o Reino Unido e a França.

aparecimento, nas significativas mudanças que afetam as esferas subjetivas e intersubjetivas da sociabilidade atual.

Nos anos 60, McLuhan já alertava que a televisão estava formando uma geração de novos sujeitos, profundamente marcados pela mensagem desse meio de comunicação. Isto é, que a era eletrônica havia produzido um novo instrumento capaz de estender o sensório humano, plugá-lo com mais rapidez ao mundo e aos demais co-habitantes da aldeia global e, na sua esteira, trazer mudanças significativas no *modus vivendi* planetário. "A imagem mosaico da tela da televisão gera um agora profundamente envolvente e uma simultaneidade na vida das crianças", escreve McLuhan (1998, p. 301)<sup>2</sup>.

Nessa sociedade globalizada, com e pelas suas redes midiáticas, o desenvolvimento acelerado e o uso dos Meios de Comunicação de Massa (MCM)<sup>3</sup> afetaram significativamente todos os espaços da vida social, inclusive o da formação escolar. Essa aldeia global tem entre suas características principais o atravessamento universal pelos efeitos e as possibilidades da comunicação-informação. A crescente expansão dos multimeios apresenta novas questões e desafios para o âmbito das atividades educacionais. Cumpre, pois, reconhecer o lugar central que eles ocupam na constituição do mundo e de suas instituições, entre elas a escola. Dito de outra forma: urge pensar a respeito de qual é o espaço da escola, do professor e dos MCM neste novo cenário social no qual mídia, tecnologia e educação, ainda que digam respeito a elementos de estatutos distintos, possam ser afinados de tal forma que sejam postos a serviço da formação de indivíduos originais, críticos, solidários, cooperativos e respeitosos para com as diferenças individuais e culturais.

*McLuhan, no artigo "Aula sem paredes", aborda a questão das perdas substanciais que a escola tem ao tentar expurgar dos seus domínios e do seu debate interno a inquestionável presença da mídia na sociedade, deixando de ver e de ter nos meios e tecnologias de comunicação, aliados importantes na construção de saberes. O teórico canadense assegura que os MCM, especialmente a TV, ajudaram o homem "a recuperar a compreensão intensa da linguagem facial e do gesto corporal" (McLuhan, 1971, p. 19), perdidos durante séculos com a cultura linear, mecânica e estática da linguagem tipográfica. Segundo ele, os MCM não têm nada de errado em sua natureza e não serviram "para enfraquecer ou corromper níveis anteriormente alcançados de cultura verbal e pictórica", mas foram detratados "por não termos conseguido dominá-los como novas linguagens a tempo de os assimilar à nossa herança cultural total" (McLuhan, 1971, p. 19).*

Ainda nesse mesmo texto, McLuhan reitera que o rádio, o cinema, os jornais, as revistas, os discos e a TV tornam-se ameaças na escola porque eles não têm como papel principal o de reforçar os métodos tradicionais e obsoletos da sala de aula. Pelo contrário, ao "corromperem" esses métodos, tornam-se, sim, alvo de denúncias quanto a possíveis efeitos infelizes na constituição do educando porque alguns educadores, não raro, preferem a detração a mudar seus hábitos diante da mídia.

---

<sup>2</sup> In *McLuhan, escritos essenciais*. Todos os fragmentos desta obra utilizados neste texto são traduções livres e do autor deste artigo.

<sup>3</sup> Ao longo deste artigo Meios de Comunicação de Massa será identificado como MCM.

McLuhan, lado a lado, com suas críticas corrosivas aos preconceitos e aos temores dos efeitos sociais e morais, presumidos como negativos, advindos das novas tecnologias disponíveis, não hesita em apresentar considerações afirmativas quanto aos benefícios e possibilidades de estabelecer relações fecundas entre a mídia, a tarefa educativa e a cidadania. Nos seus termos:

*As boas e más características em forma e conteúdo, [dos multimeios] quando colocadas cuidadosamente, podiam ter-se convertido numa importante e vantajosa aquisição para o professor. (...) A tarefa educativa não é fornecer, unicamente, os instrumentos básicos da percepção, mas também desenvolver a capacidade de julgamento e discriminação através da experiência social corrente. (...) Ser articulado e perspicaz a respeito das questões e informações correntes é a marca que distingue um homem educado. (McLuhan, 1971, p. 19). [grifos nossos]*

Por sua vez, Baccega (2000), ao discorrer sobre a constituição da escola numa base de linguagem escrita em detrimento das novas linguagens produzidas nos meios eletrônicos de informação, faz eco à abordagem mcLuhiana e reforça a tese de que a escola, ao negar o papel desses meios como coadjuvantes na construção de saberes, criando uma resistência à entrada dessas novas linguagens no seu âmbito, só tem se distanciado das oportunidades e possibilidades de gerar novos conhecimentos. Ao afirmar que a instituição escolar vive um desajuste, um descompasso temporal com a realidade posta, negando-se a “um repensar incômodo, porém necessário”, a autora faz uma severa crítica ao tratamento clandestino que a educação tem dado aos MCM:

*(...) Enquanto a escola continua com sua retórica pedagógica conservadora, ocupando todo o tempo de sala de aula com esse discurso, o discurso dos meios de comunicação está presente no âmbito da escola, de maneira clandestina. Não adentram as salas de aula, mas estão nos corredores, nos intervalos, nas conversas informais, tanto de professores quanto de alunos. É urgente que esses discursos outros saiam da clandestinidade e passem a constituir parte dos diálogos que deveriam ocorrer em sala de aula. (Baccega, 2000, p. 61).*

Na mesma perspectiva de McLuhan (1969, 1971, 1998, 2005) e de Baccega (2000), Ferrés (1994) critica a postura da escola que se nega a ver nos MCM um importante aliado educativo. O autor, em suas considerações motivadas por estudos a respeito dos atuais níveis de exposição a que adultos e, em especial, as crianças encontram-se frente a televisão como veículo de informação e entretenimento, assegura que “a escola tem a obrigação de ajudar as novas gerações de alunos a interpretar os símbolos de sua cultura” (Ferrés, 1994, p. 15), em vez de se preocupar apenas em reproduzir um tipo de saber oficial, de transmitir e perpetuar uma cultura que já não encontra um link com a sociedade em desenvolvimento e em constante mudança. Ele também retoma as perguntas formuladas por McLuhan na década de 60: para que mundo a escola está educando? Que símbolos ela ajuda a interpretar? Os de que cultura? Ferrés sobre isso, indaga: “se educar exige preparar os cidadãos para integrar-se de uma maneira reflexiva e crítica à sociedade, como se integram os cidadãos que não estão preparados para realizar de maneira crítica aquela atividade a que mais horas se dedicam? [a tv, no caso]” (Ferre, 1994, p. 15).

Numa das muitas sondagens<sup>4</sup> realizadas por McLuhan (1998, p. 298-302), para formular e responder as questões referentes ao mundo a que a escola tem dedicado sua atenção, conclui que as crianças que nasceram ou estão por vir nesta era eletrônica, da sociedade da informação/comunicação, encontram-se profundamente marcadas pelos novos símbolos do tudo-agora, da instantaneidade, do consumo; por isso, se deparam com sérias dificuldades em se adaptar ao modelo de ensino baseado na repetição de fatos fragmentados, lineares, seqüenciais. "Esta é uma época de sobrecarrega de informação. A única maneira de fazer das escolas outra coisa que não seja prisões sem grades é começar rever os valores arcaicos e partir do zero, com novas técnicas e valores". McLuhan reivindica que as instituições escolares propiciem a esta geração um "gestalt do sensorium", pois os jovens, ao comprometerem os seus sentidos com os meios elétricos, procuram na escola o mesmo que encontram fora dela, ou seja, um envolvimento profundo e não um sistema antiquado, fundado em dados fragmentados, classificados e inadequados às necessidades desta geração eletrônica. É preciso, enuncia, romper com a distância entre o conteúdo das aulas e a vida. "Estamos usando a educação como um mero instrumento de agressão cultural, impondo sobre jovens retribalizados, os valores visuais obsoletos da moribunda idade alfabetizada<sup>5</sup>" (McLuhan, 1998, p. 299).

Para dar base à sua tese de que existe uma falta de sintonia muito grande entre a geração formada pela linearidade tipográfica e a geração formada pelos circuitos elétricos, McLuhan observava o comportamento dos seus filhos. Ficava assombrado, segundo narra seu amigo Tom Wolfe no prefácio a *McLuhan por McLuhan*<sup>6</sup>, quando via os seus seis filhos estudarem, assistirem televisão, ouvirem rádio, falarem ao telefone, tudo de forma simultânea. Isto é, viviam o *gestalt do sensorium*. Aquelas crianças e jovens dos anos 50 não diferem em quase nada das da atual geração que estão diante de nós, nas escolas, colocando em xeque o ainda vigente modelo/formato de ensino presente nas salas de aula e cuja base se dá por meio da linearidade, da fragmentação, da disciplina e da penalização.

Os herdeiros da era eletrônica não conseguem vislumbrar, no tédio de ficar ouvindo um professor falar à sua frente por horas, às vezes lançando mão de um recurso audiovisual mais como ilustração de conteúdo do que como um desafio para estabelecer novos aprendizados e conhecimento, algo além do que a distância abismal que se interpõem entre o conteúdo de um currículo e a sua utilidade para a vida prática. Esse fato apenas desvela que os bens de consumo e os recursos tecnológicos, não raro, têm sido considerados pela nova geração como sendo capazes de substituir o papel do professor na sua formação, pelo menos daqueles educadores cujas práticas e concepções aferram-se aos recursos e métodos disciplinares que desconsideram os elementos novos, configuradores da atual "sociedade da informação".

---

<sup>4</sup> Inspirado nas sondas enviadas ao espaço para realizar prospecções cósmico-siderais, McLuhan utiliza com certa frequência, em alguns de seus textos, a metáfora das sondas na forma da expressão "sondagem", para explicar sua maneira de pensar e refletir sobre as questões às quais se dedicava a refletir. Seu compromisso, dizia, era manter uma postura de investigador, sem a obrigatoriedade de expressar conclusões acerca de suas observações/sondagens.

<sup>5</sup> McLuhan usa esta metáfora para marcar como idade alfabetizada a educação que tem como base a escrita fonética, linear, seqüencial e fragmentada. Na opinião do autor, ela se manifesta a partir da invenção da escrita fonética na antiguidade e toma forma com a invenção da imprensa. McLuhan acredita que esta idade alfabetizada contribuiu para formatar o processo industrial-fabril de bens, baseado na fragmentação, na divisão de tarefas, na estandardização do conhecimento, gerando uma educação de massa. Ainda segundo o pensador canadense, esse conceito/prática da idade alfabetizada presente na escola atual é que tem criado a falta de sintonia entre os alunos da era eletrônica, do tudo-agora, da simultaneidade, e os velhos padrões da "escola-masmorra-feudal".

<sup>6</sup> Tradução brasileira do livro *Understanding me; lectures and interviews*, lançado em outubro de 2005 pela Ediouro.

As passagens aqui comentadas insistem na urgência de que as instituições de ensino façam uso apropriado dos meios de comunicação, com vistas a transpor os muros que separam a escola de todo o debate estabelecido pela sociedade a respeito de um imaginário da condição humana correspondente às demandas éticas e políticas da sociabilidade atual. Isso implica, hoje sabemos bem, reconhecer assuntos relevantes que atravessam o cotidiano das instituições escolares e dos estudantes entre os quais os das diferenças étnicas, sexuais, religiosas e políticas, assim como as graves questões das desigualdades sociais, da violência e dos desequilíbrios sócio-ambientais planetários. Com certeza, McLuhan tem presente, em seus escritos, esse conjunto de reconhecimentos e de desafios planetários quando aponta, como medida primordial, para que os educandários contemporâneos façam uso intensivo dos MCM, de forma a promover um diálogo com a vida cotidiana. Sobre isso, escreve: "A comunicação atingirá as pessoas onde elas estiverem. (...) nós perceberemos que o lugar de nossos estudos é o mundo mesmo, o planeta de todos. A 'escola clausura' está a ponto de tornar-se 'escola-planeta'" (McLuhan, 1969, p. 57)<sup>7</sup>. Em outra de suas sondagens sobre educação-comunicação, afirma que "a metrópole, hoje em dia, é uma sala de aula; os anúncios são os seus mestres. A sala de aula [tradicional como a conhecemos ainda hoje] é uma obsoleta casa de reclusão, uma masmorra feudal" (McLuhan, 1971, p. 246).

Engana-se, pois, quem vê em McLuhan um mero tecnicista afastado das questões e urgências de seu tempo, ou alguém disposto a destruir de vez com a instituição escolar. Ao contrário, defende que as escolas continuem com suas portas abertas, para a prática não do "ensino", mas sim da "aprendizagem"<sup>8</sup>. No artigo *O fim da ética no trabalho*, McLuhan (2005), comentando Illich, escreve:

*O tema de Illich é simplesmente que, como hoje em dia existe mais informação fora das escolas do que dentro delas, devemos fechar as escolas e deixar os jovens obter sua educação no ambiente geral outra vez. O que Illich não consegue ver é que, quando as respostas estão fora, é hora de fazer as perguntas dentro da escola, em vez de dar respostas. Em outras palavras, agora é possível fazer das escolas não um lugar para a informação empacotada, mas um lugar para o diálogo e a descoberta. (...) O que cumpre fazer é pôr as questões dentro da sala de aula e entabular ali um verdadeiro diálogo. (McLuhan, 2005, p. 241 e 284).*

O que McLuhan critica é a instituição escolar atual estar preocupada em atender apenas as necessidades e demandas da máquina social, ou seja, recrutar e formatar indivíduos, transformando-os em operários-padrões especializados. Na verdade, esse modelo de instituição não tem nenhum sentido nesta aldeia global do tudo-agora, da instantaneidade e da liquidez do tempo e do espaço. Segundo o teórico, nesta escola formatadora<sup>9</sup>, à educação e ao professor cabe a tarefa de moldar o homem, especializando-o numa área, parcializando-o, criando um ser amorfo e acrítico à sociedade que o cerca, porém fazendo-o um competidor altamente treinado e qualificado. As conseqüências desse projeto educacional, afirma McLuhan (1969) no

---

<sup>7</sup> Utilizamos como base, para este artigo, o texto em francês *L'avenir de l'éducation: la génération de 1989* e as traduções, livres, são de responsabilidade do autor deste artigo.

<sup>8</sup> O autor distingue como ensino "o ato de empanturrar a cabeça dos alunos com conhecimentos que nada tem a ver com o mundo atual da cibernetização". Por aprendizagem, McLuhan entende tudo aquilo que permite, ao professor e ao educando, a experimentação, a busca do novo, a prospecção e o engajamento com vistas a resolver problemas e a rearticular conhecimentos.

<sup>9</sup> Sobre este tema ver ALMEIDA, Airton Lorenzoni, Uma Leitura de McLuhan Sobre a Escola Formação. In: MAAS, Adriana Kemp; ALMEIDA, Airton Lorenzoni; ANDRADE, Elisabete. *Linguagem, Escrita e Mundo*, Ed. UNIJUI, 2005.

seu texto *L'avenir de l'éducation: la génération de 1989*, foi "mimetizar o indivíduo e suscitar a competição". O resultado desse modelo nada mais tem sido do que criar indivíduos capazes de se distinguir entre si, não pela originalidade nem pela criatividade, mas sim pela repetição dos movimentos produtivos, só que de forma mais rápida e eficiente. "(...) Os cidadãos do futuro terão muito menos necessidade que hoje de ter formação e pontos de vista semelhantes. Pelo contrário, serão recompensados pela sua diversidade e originalidade" (McLuhan, 1969, p. 44).

A exemplo de Ortega y Gasset (2002, p. 146), que também tece severas críticas à criação e proliferação dos especialistas, para quem eles "não passam de os novos bárbaros da contemporaneidade", McLuhan (2005, p. 345) propõe a seguinte reflexão: "Quando uma lanterna brilha diante de nosso rosto, não conseguimos ver nada. Ora, o especialista faz isso o tempo todo; a lanterna de sua especialidade ofusca-o, obscurecendo a resposta ao problema".

O tom crítico mcluhaniano volta-se ao, cada vez mais profissionalizante, molde inscrito nas escolas. Ou seja, ao invés de promover/encorajar as multiplicidades humanas, dando chances aos sujeitos de descobrirem suas potencialidades e capacidades, a escola acaba por pré-fabricar indivíduos, robotizá-los, igualando-os e nivelando-os por baixo. Segundo o autor, a escola tem se afastado cada vez mais do seu objetivo, o de ser um centro aberto de debates, sem muros, sem cercas, para tornar-se uma produtora e repositora de mão-de-obra especializada, como se a ela coubesse o papel de recrutadora de operários para os setores de produção, sejam eles industriais ou comerciais. Escola, no entender de McLuhan, não pode ser uma extensão dos departamentos de Recursos Humanos da iniciativa privada, ou mesmo do Estado.

Einstein, citado por Zuffo (2003), salienta que ao se privilegiar a capacidade do sujeito de pensar por si, a partir do domínio que possui sobre seu campo de estudo/atuação, é mais fácil que ele se adapte ao progresso e às mudanças rápidas da sociedade do que aqueles que foram formatados, treinados e especializados numa determinada área. Isso nos leva a acreditar que o desenvolvimento da capacidade de pensar a realidade só é possível através do conhecimento voltado à pluralidade. A mídia e as novas linguagens dos MCM, devidamente desveladas, são, portanto, um caminho possível para a criação de uma sociedade crítica do seu entorno, através da formação de sujeitos participativos e conscientes de sua cidadania, capazes de responder às demandas que se fazem necessárias e prioritárias.

Frente às circunstâncias e aos desafios apresentados a consideração, é razoável apostar que os estudantes possam viver em estado de investigação contínua e ter sempre em suas descobertas novas perspectivas de estudo. McLuhan (1969) enfatiza que o conhecimento precisa assumir o caráter prospectivo e o estudante se constituir num pesquisador inscrito em um imenso universo de informações. Aqui reside um dos maiores nós a serem desamarrados pela instituição escolar inserida na grande aldeia global: a acelerada multiplicação das fontes de informação, das tecnologias e dos meios de comunicação desafia os professores a ultrapassar o lugar de meros reprodutores de um "saber" específico, para assumir a cena como mediadores de diálogos entre múltiplos saberes, culturas e visões do mundo. É neste horizonte que devem ser instauradas as relações de mediação entre as tecnologias, os meios, os estudantes e os educadores. Ao professor, ao aluno, e também ao que advém através dos meios, cabe o papel de promover as discussões críticas das mensagens e construir, a partir delas, novos conhecimentos. Na dimensão propiciada pela relação adequada

das novas tecnologias de comunicação e daquilo que através delas nos advém, somos chamados a pensar sobre as implicações e os significados novos que a escola planeta carrega.

A "escola sem muros", verdadeiramente globalizada, pressupõe ainda a necessidade de considerar a importância do lúdico e do estético na educação. Entendemos, aqui, por lúdico e estético aquilo que engaja o ser dentro de um todo; que permite ao homem o aspecto vivencial. As necessidades do homem contemporâneo, a crescente e veloz mudança social e as novas demandas da subjetividade não podem ser atendidas por estabelecimentos de ensino para os quais o palco é a sala de aula; o professor, o ator único com seu monólogo já corroído pela compressão espacial e temporal com que se produz informação; e um estudante – platéia-ouvinte – privado daquela comunicação que "torna comum" a experiência, e que quanto mais diferentes forem os indivíduos, mais possibilidades terão de transmitir uns aos outros suas experimentações, vivências e olhares. Esta nova e necessária escola adequada aos pressupostos sugeridos pela aldeia global do tudo-agora deixa, então, de correr o risco de ser um não lugar, isto é, um espaço sem histórias, sem conteúdo, neutro e desprovido de identidade, aos estudantes da era eletrônica.

McLuhan (1969) é categórico ao afirmar que há alguma coisa de errado na escola enquanto instituição, mesmo que ela tenha obtido avanços nos últimos tempos no campo da arquitetura e da pedagogia. Segundo ele, as escolas gastam cada vez mais tempo e despendem cada vez mais energias diversas para formar alunos para um mundo que já não existe mais. O comentário, aliás, é uma explicação aos motivos pelos quais, apesar de todas essas novidades agregadas ao "mundo da educação", a evasão escolar ainda existe em níveis não aceitáveis, porque a escola não está falando a mesma língua dos seus educandos. O fato é que a escola precisa responder de modo agudo e adequado às circunstâncias em que está inscrita.

A intensa movimentação de informações que circulam para além da sala de aula, observa McLuhan, "excede de longe o montante de dados e informações dentro dela" (2005, p. 127), o que nos permite entender como razoável que os estudantes da era eletrônica não busquem na instituição escolar algo que os instrua, uma vez que isso eles encontram na vida cotidiana, nas cidades, nas ruas, nos MCM. Permite-nos, por isso mesmo, compreender que a escola (atividade dos educadores) deve exercer o papel de mediação entre as informações disponíveis e a atividade de formação dos sujeitos e de apropriação dessas informações no mundo-real-cotidiano em que eles estão inscritos. "A função do estabelecimento de ensino é [exercitar a percepção] do ambiente exterior em vez de meramente reproduzir informações e introduzi-la nos crânios dos alunos". (McLuhan, 2005, p. 127).

McLuhan, durante toda a sua vida, foi um educador marcado por questões atinentes às instituições escolares situadas em um mundo de radicais transformações políticas e culturais, marcado, também, por aqueles desafios e possibilidades advindas da expansão dos MCM. Em seu lugar de educador, esteve atento às relações aluno/mestre; ensino/aprendizagem; por isso, de forma conseqüente, não descuidou de considerar e relacionar as questões gerais de sua época às possibilidades positivas da tecnologia em uma "nova escola planeta", ou seja, de incorporar os signos alfabético-visuais da escola de postura linear aos signos da cultura elétrica, inclusiva: "Tal síntese (...) pode produzir uma mistura criativa das duas culturas, se o sistema educativo for consciente de que há uma cultura elétrica" (McLuhan, 1998, p. 298).

Esses aportes de McLuhan ainda nos parecem atuais, à medida que continuamos desafiados a pensar uma escola e uma educação da (e na) aldeia global que valorize a atividade mediadora dos educadores em relação ao conhecimento disponível, que aposte na solidariedade, no afetivo e nas relações intersubjetivas como forma de combater a hegemonia e a universalização de uma visão do mundo tecnocrática ou maniqueísta a respeito da tecnologia. Parece ser razoável pensar que a escola contemporânea necessita tomar para si, como pressuposto básico, a autonomia, isto é, partilhar os benefícios e as responsabilidades para com a vida planetária.

Os MCM e as suas tecnologias podem ser aliados importantes para a elaboração e apropriação comum dos saberes, e para a emancipação do homem; contudo, o uso dessas tecnologias, por si mesmo, não pode ser concebido pela instituição escolar como apanágio de todas as urgências e questões de nosso tempo. Muitas vezes, elas, quando mal utilizadas, servem apenas como um verniz para encobrir graves problemas da educação, transformando-se em estandarte mercantilista de instituições de ensino. Sobre isso, Castells (2005) é incisivo ao afirmar que a pior exclusão na história do homem, da educação e da cultura não é estar fora da rede, mas sim que “a mais importante forma de ser excluído, e a que menos se fala, é estar conectado à rede e não saber qual acesso usar, qual informação buscar, como combinar uma informação com a outra e como utilizá-la para a vida” (Castells, 2005, p. 5).

McLuhan escreveu: “os educadores do futuro não temerão as tentativas novas e as soluções inéditas, mas as valorizarão” (McLuhan, 1969, p. 51). E sabemos que um dos desafios para os educadores, os pesquisadores e os responsáveis por políticas públicas de educação é o de se dirigirem ao futuro com os olhos fixos nele e não num passado visto pelo retrovisor. “Educar não será sinônimo de formar e manter homens a meio caminho de suas possibilidades de desabrochamento, mas, ao contrário, abrir-se à essência e à plenitude da sua existência” (McLuhan, 1969, p. 58).

Para encerrar, parece razoável assegurar que é preciso compreender a nova configuração social profundamente marcada pela compressão do espaço e do tempo, assim como o papel que a mídia, suas linguagens, mensagens e tecnologias nos aportam para que transformemos a “escola-masmorra”, a “escola-claustro”, numa escola efetivamente pluralista e planetária. Globalizada, sim, mas não universalizada, unificada. Para isso, é condição básica não se deixar envolver pelas redes como se elas fossem teias, mas utilizá-las nas transformações históricas exigidas pela sociedade. Descobrir possibilidades de levar o local para o global, e vice-versa, numa via de mão dupla, promovendo o diálogo de culturas, respeitando identidades diversas e transformando informações em conhecimento, e socializando-os – eis aí o desafio maior, mas possível, nesta era eletrônica.

---

## Referências

BACCEGA, M. A. 2000. *Televisão e escola: uma mediação possível?* São Paulo, Editora Senac.

CASTELLS, M. 2005. O caos e o progresso. *Jornal Extra Classe*. Ano 10, (89):4-6. Porto Alegre, mar 2005.  
Entrevista concedida a Keli Lynn Boop.

FERRÉS, J. 1994. *Televisión y educación*. Barcelona, Paidós.

MICHELOTTI, C. Eurodata TV Wordwide dresse un panorama internacional de la télé jeunesse au MIPCOM Junior. Disponível em: [http://www.mediametrie.fr/news.php?rubrique=int&news\\_id=115](http://www.mediametrie.fr/news.php?rubrique=int&news_id=115), acesso em 20/10/2005.

MCLUHAN, H. M. 1969. L'avenir de l'éducation: la génération de 1989. In: \_\_\_\_\_. *Mutations 1990*. Paris, Ed. Name.

\_\_\_\_\_. 1971. Aula sem paredes. In: E., CARPENTER; \_\_\_\_\_. *Revolução na comunicação*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar.

\_\_\_\_\_. 1971. Cinco dedos soberanos dificultam a respiração. In: \_\_\_\_\_. *Revolução na comunicação*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar.

\_\_\_\_\_. 2005. O fim da ética no trabalho. In: S., MCLUHAN; D., STAINES (org). *McLuhan por McLuhan: conferências e entrevistas*. Rio de Janeiro, Ediouro.

\_\_\_\_\_. 2005. Viver à velocidade da luz. In: \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *McLuhan por McLuhan: conferências e entrevistas*. Rio de Janeiro, Ediouro.

\_\_\_\_\_. 2005. O meio é a mensagem. In: \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *McLuhan por McLuhan: conferências e entrevistas*. Rio de Janeiro, Ediouro.

\_\_\_\_\_. 1998. Una cándida conversación con el sumo sacerdote del pop cult y metafísico de los medios. In: E., MCLUHAN; F., ZINGRONE (comp.), *McLuhan, escritos esenciales*. Barcelona, Paidós.

ORGEGA Y GASSET, J. 2002. *A rebelião das massas*. 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes.

ZUFFO, J. A. O ensino da nova era. Disponível em: <http://www.icoletiva.com.br/secao.asp?tipo=entrevistas&id=4>, acesso em 25/01/2004.